

## **DEZ OBRAS FUNDAMENTAIS PARA COMPREENDER O HOLOCAUSTO JUDEU A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL**

*Marta F. Topel (DLO)*

**Gilbert, M. *O holocausto dos judeus da Europa na Segunda Guerra Mundial*. Hucitec Editora, 2010.**

Trata-se de uma obra monumental, em que se destacam a quantidade e a excelente qualidade das fontes históricas analisadas. Nesta minuciosa pesquisa sobre o Holocausto, o autor utiliza o que se denomina “bottom-up-History”, isto é, a história contada de baixo para cima, dando ênfase à situação e à perspectiva das vítimas. À diferença de outros compêndios sobre o Holocausto, a obra de Martin Gilbert se caracteriza por individualizar as vítimas, dando-lhes nome e sobrenome em lugar de nos confrontar somente com estatísticas. O período analisado, 1933-1945, explica em detalhe a situação dos judeus na Europa, desde o antissemitismo pregado por Hitler, passando pelas leis discriminatórias para os judeus na Alemanha e nos países ocupados, culminando com o extermínio metódico de 6.000.000 de judeus. O autor contextualiza a situação política e econômica da Alemanha depois da Primeira Guerra e analisa a conjuntura que permitiu que Hitler chegasse ao poder. Ao longo do livro, são trazidos exemplos da resistência judaica, tanto de grupos como de indivíduos. Esta monumental obra, há poucos anos traduzida ao português, é uma análise sistemática e minuciosa sobre o Holocausto dos judeus perpetrado por Hitler no qual se explica em profundidade os diferentes estágios do genocídio nazista com as suas respectivas singularidades.

**Marrus, M.R. *A assustadora História do Holocausto*. Rio de Janeiro: Prestígio Editorial, 2003.**

A obra de Marrus se destaca por ser, tanto uma introdução didática sobre o Holocausto, como uma tentativa de compreender as diferentes abordagens históricas das quais o Holocausto foi objeto. O autor tenta criar uma síntese das opiniões dos historiadores mais destacados da área, retratando como eles abordaram questões como a

concretização da solução final para os judeus, as reações dos perpetradores, das vítimas e dos observadores. A discussão sobre as diferentes escolas históricas que tentam explicar o Holocausto é realizada com rigor metodológico e sensibilidade, mostrando ao leitor a impossibilidade de fazer generalizações facilistas.

**Wistrich, R. S. *Hitler e o Holocausto: Breve História: Grandes Temas*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2001.**

R.S. Wistrich, pesquisador do antissemitismo, trabalhou durante décadas na Universidade Hebraica de Jerusalém. Além de suas funções como docente e pesquisador da universidade, foi diretor do *The Vidal Sassoon International Center*, centro de pesquisa independente e interdisciplinar criado em Israel em 1982. O objetivo desse centro de pesquisa é construir um acervo sobre materiais relacionados com diferentes formas de antissemitismo em diferentes épocas e contextos geográficos para sua posterior divulgação. O livro *Hitler e o Holocausto* mostra o profundo conhecimento do autor dos diferentes tipos de antissemitismo existentes ao longo de dois mil anos de História. A obra, além de ser didática e precisa do ponto de vista da história social e cultural, é importante para conhecer as diferentes interpretações e teorias sobre as causas que desencadearam o Holocausto. Wistrich analisa criticamente as teorias *intencionalistas* e as *funcionalistas* na área de estudos sobre o Holocausto, salientando seus pontos fortes e suas fraquezas. Sua própria abordagem é apresentada ao leitor enriquecendo as tentativas de explicação de um fenômeno histórico tão difícil de compreender.

**Bankir, D. (ed). *El Holocausto: perpetradores, víctimas, testigos*. Jerusalém: La Semana Ediciones, 1988**

Este livro é um dos poucos estudos existentes em espanhol (e por isso acessível aos estudantes brasileiros) que trata o Holocausto a partir dos seus três atores sociais, perpetradores, vítimas e observadores, esmiuçando as diferentes estratégias utilizadas por cada um deles durante a Segunda Guerra Mundial e o genocídio de seis milhões de judeus. A obra contém ensaios de alguns dos pesquisadores mais proeminentes sobre o

Holocausto, a exemplo de Yehuda Bauer, Israel Gutman, Raul Hilberg, Haim Avni e Walter Laqueur. O livro está dividido em três partes. A primeira está dedicada à análise da política y das técnicas de perseguição implementadas pelos nazistas que desembocaram no extermínio dos judeus. Na segunda, o foco de atenção é a reação das comunidades judaicas da Europa, salientando a organização de diferentes grupos de resistência armada. A última parte tem como objetivo discutir se o mundo fez o suficiente para salvar do extermínio os judeus da Europa ocupada. O ponto de vista dos três atores sociais mencionados abre o leque histórico para uma compreensão mais abrangente do Holocausto.

**Bauman, Z. *Modernidade e Holocausto*. São Paulo: Zahar Editor, 1998.**

Nesta obra, o célebre sociólogo, faz um questionamento das Ciências Sociais em sua tentativa de compreender o Holocausto. A tese de Bauman é que o Holocausto não foi um fracasso da Modernidade, mas um produto dela. Mais precisamente, Bauman afirma que o genocídio de seis milhões de judeus não pode ser explicado como a erupção de paixões pré-modernas no mundo moderno, uma vez que se trata da cara obscura da Modernidade e não de um fenômeno arcaico. Simultaneamente, Bauman contraria a tendência de restringir o Holocausto a um episódio da história judaica, ou em reduzi-lo a um fenômeno que não pode ser repetido em Ocidente. Isto, precisamente, por causa do triunfo progressivo da civilização moderna. Nessa linha, Bauman demonstra que devemos entender o Holocausto como profundamente enraizado na própria natureza da sociedade moderna e nas categorias centrais do pensamento social moderno. Finalmente, o autor tenta apreender as lições que o Holocausto traz para a sociologia.

**Kassow, S.D. *Quem escreverá nossa história? Os arquivos secretos de gueto de Varsóvia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.**

O livro é uma compilação comentada dos documentos escritos pelos membros da organização clandestina *Oyneg Shabes*, criada pelo historiador Emmanuel Ringelblum no gueto de Varsóvia. Os documentos recolhem relatos do cotidiano no

gueto, desde a sua instituição até a sua destruição pelos nazistas depois da revolta dos últimos residentes em 1943. Trata-se de uma obra fundamental sobre as diferentes estratégias de resistência desenvolvidas no gueto: desde atividades culturais, educativas e de ajuda social, até a organização do levantamento armado em 1943. As condições miseráveis da vida no gueto e o risco da empreitada à qual dedicaram seus esforços, não amedrentaram Ringenblum e seus colaboradores no anseio de deixar testemunho sobre um dos episódios más trágicos da história dos judeus do século XX. Das dezenas de colaboradores da *Oyneg Shabes*, sobreviveram só três que, em 1946, terminada a guerra, ajudaram a localizar os documentos, enterrados em caixas de metal, em um lugar próximo ao gueto. Em 1956 a última caixa foi desenterrada. Ao revelar os documentos da *Oyneg Shabes*, o livro de Kassow se transformou na fonte mais fiel e detalhada do acontecido no gueto de Varsóvia e do grito desesperado de seus membros para que as futuras gerações conhecessem a dimensão da catástrofe perpetrada pelos nazistas.

**Laqueur, W. *O terrível segredo: a verdade sobre a manipulação das informações na “solução final” de Hitler*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.**

O livro de Laqueur é uma obra clássica, a primeira em tentar responder uma questão de extrema relevância para a compreensão do Holocausto, relacionada diretamente ao papel dos perpetradores y observadores: quem sabia o que sobre o extermínio de seis milhões de judeus na Europa? Mais precisamente, quem sabia, quando e em que circunstâncias, que a política nazista em relação aos judeus da Europa não era uma "mera" questão de expolição econômica e perseguição, tornando-se um programa para o extermínio total da população judia? Laqueur analisa objetivamente e de modo convincente as razões pelas quais diferentes autoridades britânicas e norteamericanas não acreditaram nas informações precisas sobre o Holocausto que chegaram a elas a partir de 1941. Provisto de uma ampla variedade de fontes encontradas na Alemanha, Suíça, Suécia, Israel e os Estados Unidos, e de entrevistas com sobreviventes que participaram nos eventos que descreve, o autor conclui que a “solução final”, isto é, a implementação de uma política de extermínio total dos judeus tinha sido realizada inicialmente pelo *Einsatzgruppen* que operavam por trás da frente russa em 1942 e, só posteriormente, nos campos de extermínio localizados na Polónia. A colaboração de cidadãos russos, ucranianos e lituanos no

assassinato de dois milhões de judeus tem destaque no livro, revelando o antissemitismo dessas populações e sua prontidão para desfazer-se de seus vizinhos judeus. A falta de credibilidade que os aliados deram aos alertas de Jan Karski constituem um dos pontos mais importantes de tese de Laqueur que, é preciso salientar, também leva em consideração questões cognitivas mais amplas como: “qual é o significado de saber e de acreditar”, em um contexto histórico singular no qual se concretizou um dos genocídios maiores da história de Ocidente?

**Vidal-Naquet, P. *Os assassinos da memória*. São Paulo: Papirus, 1988.**

Em finais da década de 1970, principalmente na França, ainda que também em outros países como o Canadá e os Estados Unidos, começam a publicar-se textos acadêmicos e jornalísticos que negavam a existência do Holocausto e das câmeras de gás. Robert Faurisson, que recebeu o título de Doutor na Sorbona, foi um dos primeiros historiadores em identificar-se com a escola denominada revisionista pelos seus seguidores e negacionista por outros historiadores. *Os assassinos da memória* é uma coletânea de ensaios escritos em 1980, 1981, 1985 e 1987 por Vidal-Naquet, historiador judeu devotado à pesquisa da Grécia antiga, cujos pais foram assassinados em Auschwitz. Com coragem e rigor científico, o autor desconstrói a lógica falaz dos argumentos revisionistas, as suas contradições, descontextualizações e simples inverdades. Em lugar de tomar o posicionamento de muitos de seus colegas, para quem “dialogar com os revisionistas” é dar-lhes legitimidade, Vidal-Naquet, no prefácio do livro, afirma de modo contundente: “podemos e devemos discutir *sobre* os “revisionistas”; podemos analisar seus textos como fazemos a anatomia de uma mentira: podemos e devemos analisar seu lugar específico na configuração das ideologias, questionar-nos sobre o porquê e como apareceram, mas não discutir *com* os “revisionistas””. Obra imprescindível para compreender as falácias daqueles que negam o Holocausto e as razões de seu sucesso entre alguns grupos, inclusive, em instituições acadêmicas.

**Friedlander, S. *A Alemanha Nazista e os Judeus. Volume I: Os Anos de Perseguição, 1933-1939*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.**

Em *A Alemanha Nazista e os Judeus: Os Anos da Perseguição, 1933-1939*, primeira das duas monumentais obras de Saul Friedländer sobre o Holocausto, o historiador judeu francês atribui as origens do Holocausto ao que denomina “antissemitismo redentor”, um tipo de raiva assassina misturada com uma missão nobre, quase religiosa. Este volume se concentra nas políticas nazistas até a explosão da Segunda Guerra, mostrando as atitudes da sociedade alemã em relação às Leis de Nüremberg, e a reação dos judeus alemães aos decretos e leis discriminatórias. O autor foca a atenção no processo de legalização das medidas implementadas pelos nazistas contra os judeus. As análises de Friedlander são aguçadas e sutis, mostrando a ruptura da consciência da população alemã em relação às políticas violentas dos nazistas contra os judeus. O “antissemitismo redentor” é explicado pelo autor em seus componentes culturais e biológicos. Obra fundamental para uma compreensão aprofundada dos diferentes elementos que possibilitaram a ascensão do nazismo na Alemanha.

**Friedlander, S. *A Alemanha Nazista e Os Judeus. Volume II: Os Anos de Extermínio, 1939-1945. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.***

Neste segundo volume, Friedlander descreve e analisa em detalhe e profundidade a perseguição dos judeus na Europa ocupada pelos nazistas. O historiador explica o extermínio dos judeus como consequência, não só das políticas de Hitler nos territórios ocupados pela Alemanha, mas também, como resultado da submissão, omissão, passividade e assistência das autoridades e da população local. Friedlander nos confronta com a realidade complexa do Holocausto, um realidade com múltiplas facetas escrutando os diferentes níveis e contextos em que foi implementado o extermínio dos judeus. A leitura desta obra revela a magnitude do acontecido e as inúmeras variáveis interligadas entre si para a consumação do genocídio dos judeus. De modo similar a outros autores, Friedlander salienta o fato de a burocracia ter sido um elemento fundamental em todos os estágios do massacre. O autor também descreve e reflete sobre as diferentes estratégias dos judeus para conseguir sobreviver, tanto na Alemanha, como em outros países.